

livro



Mulheres no mercado, c. 1875. Rio de Janeiro (fotografia de Marc Ferrez) Reprodução

Um defeito sem máculas

A jovem escritora mineira Ana Maria Gonçalves fala sobre seu primeiro romance, que já nasce consagrado como obra-prima de nível mundial – a primeira produzida por um autor brasileiro em meio século

Renato **Pompeu**

De repente, os meios culturais do País estão em efervescência. Pela primeira-vez, desde que há cinquenta anos surgiu o romance *Grande sertão: veredas*, do mineiro Guimarães Rosa, a literatura brasileira conta com uma obra-prima de acordo com os melhores cânones mundiais: o romance *Um defeito de cor*, da escritora também mineira Ana Maria Gonçalves, 36 anos, lançado pela Editora Record.

Em quase mil páginas, com literalmente centenas de personagens, sem em nenhum momento perder o tom de grande arte, de beleza e emoção, numa escritura, mais do que agradável, sublime, a autora conta, como se fosse uma autobiografia, a história de Kehinde, uma menina africana da etnia jeje, nascida no começo do século 19 no Daomé (hoje Benin), e que se torna escrava e depois liberta no Brasil. Trata-se de uma verdadeira epopéia, de um poema épico em prosa, numa perfeita fusão de conteúdo e forma; os menores gestos, desde o trabalho de cozinha, passando pelo trabalho no eito, até o heroísmo da revolta dos malês na

Bahia, são desenhados hieraticamente, com toda a grandeza que todos os gestos humanos podem ter, quando vistos com empatia e coragem.

Kehinde recebe no Brasil o nome cristão de Luísa, e ela tem muito em comum com a Luísa real que foi mãe do grande intelectual abolicionista Luís Gama; e não se sabe o que mais admirar, se o extenso, intenso e profundo trabalho de documentação que está por trás do livro, ou a imaginosa fabulação que transforma todos os personagens em gente de carne e osso, sangue, sorrisos e lágrimas.

A saga dos escravos é contada em todo o seu horror de torturas, mortes e mutilações, mas o tom não é de denúncia, nem demagógico, e sim de grande arte, de beleza, o que faz ressaltar ainda mais os

horrores. Os traficantes de escravos e os senhores que torturavam os negros e estupravam as jovens negras mais belas são apresentados, não como monstros, mas como seres humanos “normais” de sua época, com tantas preocupações éticas quanto pode ter qualquer pessoa normal de hoje – um

grande empresário, um grande fazendeiro, ou uma dona de casa que tem uma empregada. “Normalidades” de hoje que talvez possam ser consideradas “horrores” dentro de poucos séculos.

De escrava a comerciante Kehinde anda por todo o Brasil, de Salvador a Campinas (SP); assume uma série de papéis sociais, de escrava a pequena comerciante; vivencia os acontecimentos políticos da Colônia, da Independência e do Império – mais do que a saga de uma escrava, é a saga do Brasil que é narrada no livro, com todo o seu colorido de mistura das mais diversas etnias. Os hábitos, os costumes, os gestos, os trajés, as cores das paisagens urbanas e rurais, os trabalhos no eito e em fundição, as lides domésticas, os amores e os lutos – tudo está narrado numa linguagem elevada, nobre e radiosa; dá para ouvir o som dos pregões e das músicas, dá para sentir o serpentear das danças e a ergonomia do trabalho no eito.

Com a literatura brasileira aconteceu uma coisa interessante. Seu mais importante leitor crítico, Antonio Cândido, escreveu que, perto das gran-

UM DEFEITO DE COR

Ana Maria Gonçalves
São Paulo Record 2006
952 pág

des literaturas mundiais, a brasileira é “pobre e pequena”. No entanto, a partir dessa literatura “pobre e pequena”, os leitores críticos como Cândido criaram um cânone, em meados do século 20, a partir do qual são medidas as novas obras. Esse cânone, como não poderia deixar de ser, é “pobre e pequeno”; no entanto a maioria dos novos escritores se considera recompensada se consegue criar obras à altura desse cânone – não aspiram a um nível universal, como alcançaram escritores como Machado de Assis e Guimarães Rosa, para não falar de Jorge Amado.

Pelo contrário, os jovens escritores brasileiros aspiram a um nível brasileiro e seguem o cânone “pobre e pequeno”. Com isso conseguem criar, no máximo, obras escritas em linguagem agradável, boas e importantes documentações sociais – mas não conseguem criar obras-primas universais.

Na linha de Lima Barreto E num momento em que toda a literatura mundial está em crise, jungida às leis do mercado, que pede obras mais mistificadoras do que místicas, que nos consolem da terra arrasada em que a globalização neoliberal transformou a paisagem humana, quando

a esmagadora maioria dos escritores simplesmente escreve para ganhar dinheiro e vão seguindo os humores instáveis do mercado, criando obras que fulguram como cometas, frequentando as listas dos livros mais vendidos e desaparecendo em seguida na voragem vertiginosa das obras descartáveis, eis que surge, justamente no Brasil, uma obra-prima destinada a se tornar um dos clássicos da literatura universal.

O que torna o livro ainda mais notável é a maneira como trata a religiosidade africana, afro-brasileira e católica-romana. Os cultos africanos são apresentados, não como curiosidade etnológica, mas em toda a sua grandeza mística de vivência de uma fé tão inabalável e de rigorosas e inapeláveis exigências éticas, mais do que rituais, tal como é característico de todas as chamadas grandes religiões. Das descrições de Ana Maria Gonçalves e da vivência de Kehinde se pode retirar toda uma teologia, toda uma metafísica. Afinal, toda grande epopéia é ao mesmo tempo uma obra estética, religiosa e filosófica.

Aqui cabe mencionar um ponto importante: a autora é descendente de índios e portugueses, negros e espanhóis. Entre os escritores não-brancos

brasileiros, há uma linha que descende de Machado de Assis e escreve como “branco” para um público “branco”, sobre tema “branco”; há uma linha que inclui grandes escritores, como o contemporâneo Oswald de Camargo e escreve como “negro” para um público “negro”, sobre tema “negro”. Ambos os tipos conseguem ser universais, mas Ana Maria Gonçalves está na linha de Lima Barreto: escreve como “ser humano” para “seres humanos” sobre temas “humanos”.

A autora dessa incrível façanha, uma mineirinha de origem modesta, publicitária e grande artista, Ana Maria Gonçalves, conversou com Retrato do BRASIL pela Internet. E revelou uma novidade: ela está trabalhando em novas obras, inclusive uma ambiciosa trilogia sobre Minas Gerais, que simplesmente começa na Pré-História. Virá mais obra-prima por aí? A seguir, a entrevista, em que ela afirma que durante muito tempo foi contra as cotas raciais no ensino e nos empregos, e mesmo agora, ainda que se tenha tornado favorável às cotas, ainda alimenta muitas dúvidas sobre elas.

Negras da Bahia, c. de 1885, fotografias de Marc Ferrez



Conte um pouco de sua vida: onde nasceu, que profissão e etnia eram a de seus pais, qual a formação religiosa, onde estudou, onde trabalhou, onde morou, onde mora e trabalha agora, o que escreveu, como se sustentou durante a feitura da obra, que parece ter sido feita em tempo integral durante anos?

Ana Maria Gonçalves Meu pai é descendente de índios e portugueses e minha mãe, de africanos (não sei qual a etnia) e espanhóis. Como na maioria das famílias mineiras, fui criada na religião católica. Nasci em Ibiá (MG), em 1970, onde morei até os 9 anos, quando me mudei para Porto Ferreira, interior de São Paulo. Aos 18 fui cursar Publicidade em São Paulo. Quando terminei a faculdade, abri uma agência da qual fui sócia até 2001, quando me mudei para Itaparica e depois para Salvador, para fazer as pesquisas para o livro. Foram dois anos de pesquisa, nove meses de escrita e mais um ano e meio reescrevendo, cortando, revisando. Durante esse período, me sustentei com o dinheiro da venda de um apartamento que comprei quando trabalhava como publicitária. Atualmente estou em Belo Horizonte, terminando um romance e fazendo pesquisas para os próximos. Pretendo fazer uma trilogia sobre a história de Minas Gerais, desde a pré-história até um pouco depois da Inconfidência.

Até que ponto o livro é produto de pesquisa e até que ponto é produto de fabulação?

AMG Eu já nem sei distinguir muito bem, e acho que isso nem é tão importante assim. A minha idéia com o livro foi despertar a curiosidade das pessoas para um assunto sobre o qual quase nunca se é bem informado o suficiente e que teve uma influência muito grande na formação do povo brasileiro: a escravidão. Mas todas as situações que estão no livro ou aconteceram ou poderiam ter acontecido. Nada foi inventado do nada. Mas mesmo se fosse só pesquisa, também seria fruto de fabulação, pois é a minha visão sobre os fatos baseada na visão de quem os viveu ou de quem escreveu sobre eles. Isso já cria uma distância

da realidade que nunca poderá ser preenchida com a verdade absoluta. Recontar, mesmo em primeira pessoa, é sempre fabular.

Como você conseguiu retratar a vida inteira de uma escrava? Um dos problemas da comunidade negra brasileira é que Rui Barbosa mandou queimar todos os arquivos governamentais sobre a escravidão. Os negros brasileiros não conseguem retratar a vida de sua família além de seus avós. Como você enfrentou isso? Recorreu a arquivos particulares, provinciais,

os jornais, os documentos de compra e venda de escravos e testamentos registrados em cartórios, as cartas de alforria, etc... E acho que são até muito mais interessantes do que os documentos oficiais, por serem mais reais, por trazerem uma marca mais pessoal. Além dos livros que cito na bibliografia no final do livro, essas fontes primárias foram o que mais me valeram.

Quanto aos negros não conseguirem traçar sua ascendência, não sei se é bem assim. Acredito que não há um interesse genuíno, que talvez possa

Trecho do livro | Capítulo um

A borboleta que esbarra em espinhos rasga as próprias asas
Provérbio africano

Kehinde

Eu nasci em Savalu, reino de Daomé, África, no ano de um mil oitocentos e dez. Portanto tinha seis anos, quase sete, quando esta história começou. O que aconteceu antes disso não tem importância, pois a vida corria paralela ao destino. O meu nome é Kehinde porque sou uma ibêji (assim são chamados os gêmeos entre os povos iorubas) e nasci por último. Minha irmã nasceu primeiro e por isso se chamava Taiwo. Antes tinha nascido o meu irmão Kokumo, e o nome dele significava "não morrerás mais, os deuses te segurarão". O Kokumo era um abiku ("criança nascida para morrer"), como a minha mãe. O nome dela, Dúrórúke, era o mesmo que "fica, tu serás mimada". A minha avó Dúrójaiyé tinha esse nome porque também era uma abiku, e o nome dela pedia "fica para gozar a vida, nós imploramos". Assim são os abikus, espíritos amigos há mais tempo do que qualquer um de nós pode contar, e que, antes de nascer, combinam entre si que logo voltarão a morrer para se encontrarem novamente no mundo dos espíritos.

eclesiásticos?

AMG Kehinde é fruto de vários personagens reais ou fictícios com os quais tive contato durante a pesquisa. O que tentei fazer foi entender o que acontecia naquela época, dos diversos pontos de vista (do escravo, do comerciante de escravos, dos administradores, dos governos, dos donos de escravos) sem estabelecer qualquer julgamento de valor. Somente desta maneira achei que poderia escrever sobre eles, entender os seus pensamentos e colocá-los atuando sobre as situações apresentadas no *Um defeito de cor*.

Apesar de grande parte dos documentos oficiais sobre a escravidão terem sido destruídos, acho que para quem quer entender um pouco a época há outros tipos de documentos com vasta informação, que são

até ser atribuído, inicialmente, a atitudes como a de Rui Barbosa, de empurrar o assunto para debaixo do tapete, de não querer ou não poder suportar a herança dolorida que recai sobre os afro-descendentes nos dias atuais. A não ser entre negros engajados em políticas afirmativas, não tenho visto muitos afro-descendentes interessados em saber de onde vieram, a qual etnia pertenceram seus ascendentes. Não há nada que os incentive a isso, não há nenhuma vantagem nisso. Situação que seria revertida, a meu ver, com um maior conhecimento do que representa a influência africana na formação do Brasil.

Como você conseguiu fazer uma descrição tão vívida de tão grande número de lugares em que se passa a

ação do livro? Você esteve na África, por exemplo?

AMG Eu simplesmente tentei voltar no tempo, me interessando por tudo que pudesse indicar como era a vida, no século 19, nos lugares onde se passa o livro. Infelizmente não tive condições de ir à África e a estudei através de livros, sites e mapas antigos. Para recriação da África do século 19 também foi muito importante ler os relatos de viajantes e comerciantes, e os relatórios de autoridades administrativas (brasileiras, portuguesas, inglesas, francesas, alemãs) que se sucederam por lá, criando protetorados e colônias das mais diversas nacionalidades.

Fale um pouco de seu dia a dia atual.

AMG Desde que larguei a publicidade, tenho me dedicado integralmente à literatura. Estou escrevendo al-

dade negra brasileira e o que tem a dizer sobre as cotas e a ação afirmativa?

AMG Eu acho que os brasileiros descendentes de africanos receberam uma pesada herança de seus antepassados escravizados. Esse é um assunto que é tabu inclusive na África, por parte dos descendentes de pessoas que cruzaram o Atlântico como escravos. Portanto, não acredito que se resgate a dignidade da população negra por decreto, é preciso ir muito além disso. É preciso entender o que a política escravagista representou para a época em que esteve vigente (e em alguns lugares ainda está), não só no Brasil, mas em todo o mundo, e como ela influenciou e continua influenciando as relações sociais. Escravos existem desde que um homem ou um povo se achou mais capaz do que outro homem ou outro povo, e isso é bem próprio do homem desde que se

vação. Por isso, e até porque acho que a implantação de cotas não contempla a base do problema, que é uma educação de qualidade e acessível para todos desde o ensino fundamental. Durante muito tempo eu fui contra as cotas. Nunca torci contra, mas não conseguia enxergar aí, ou apenas aí, a solução. Depois de lançar o livro e ter contato com pessoas que há muito tempo estudam o assunto em busca de uma solução, tento rever a minha posição. Tento aceitar o argumento de que um primeiro passo precisa ser dado, drástica e urgentemente. Hoje, digo que sou a favor das cotas, mas não consigo ainda militar a favor delas, pois não gosto nem um pouco do tom da maioria dos discursos que tenho lido/ouvido. Exige-se uma dicotomia que eu não acho necessária e que é prejudicial, por dividir as pessoas em boas e más, em cons-

BIBLIOGRAFIA

Ana Maria Gonçalves cita mais de cinqüenta livros que utilizou na fase de documentação, além de três arquivos da Bahia e um de Birmingham, Inglaterra, dos quais leu centenas de artigos de jornal e outros documentos. Entre os autores mais conhecidos, estão Jorge Amado, André João Antonil, Roger Bastide, Pedro Calmon, Edison Carneiro, Luís da Câmara Cascudo, Jean-Baptiste Debret, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, Maria Graham, Sérgio Buarque de Holanda, Joaquim Manuel de Macedo, Sud Mennucci, Antônio Olinto, João Ubaldo Ribeiro, Nina Raymundo Rodrigues, José Saramago, Pierre Verger. Como se vê, escritores de diferentes nacionalidades.

Predominam, não livros teóricos, praticamente ausentes na listagem, mas livros que trazem documentações factuais, casos concretos, detalhes ilustrativos, como *A morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século 19, de João José Reis*; *Agudás – os brasileiros do Benim, de Milton Guran*, e *Enciclopédia brasileira da diáspora africana, de Nei Lopes*.

De Florestan Fernandes, por exemplo, Ana Maria Gonçalves utilizou, não a integração do negro na sociedade de classes, nem *A revolução burguesa no Brasil*, mas o texto factual *O protesto negro*. Ela parece estar querendo dizer, como Goethe, que a teoria é cinzenta quando não explica o colorido da prática; que a teoria não é um fim em si, mas um meio de entender a prática e nela intervir – e que a prática é mais importante do que a teoria, a vida é mais importante do que o pensamento.



ternada e meio caoticamente dois romances (não históricos) e um livro de contos, e fazendo pesquisas para uma trilogia sobre a história de Minas Gerais, que é interessantíssima e das mais singulares do Brasil.

Como encara os problemas da comuni-

tem registro da sua existência.

Sou a favor das ações afirmativas, torço para que a política de cotas supere as expectativas, mas tenho muito medo de que o assunto seja dado por resolvido, ou pelo menos perca a força e o caráter de urgência depois de uma vitória parcial, que é a sua apro-

cientes e alienadas. Será que a gente precisa mais disso? O que tenho visto é quem é contra atacando quem é favor e vice-versa, e quase ninguém acrescentando informações que poderiam fazer a sociedade como um todo se mobilizar em torno de um problema que afeta a todos.



*Vendedora no mercado,
c. 1875, Rio de Janeiro,
fotografia de Marc Ferrez*

Como encara a situação brasileira em geral?

AMG Eu sou uma otimista e adoro meu país. Portanto, acredito que o Brasil tem jeito sim, desde que comecemos a nos levar a sério, que priorizemos as ações ao invés dos debates, as soluções ao invés de paliativos. Acho que 2006, por

ser um ano de eleições, pode ser o início dessa virada.

O seu livro parece destinado a se tornar um marco na formação da consciência nacional brasileira. Você preferiria que ele fosse um marco na formação da consciência negra ou que fosse um marco na formação de uma

nação mestiça?

AMG Não acredito que a literatura tenha essa responsabilidade toda. Eu escrevi um livro que gostaria de ler, com informações que gostaria de ter encontrado em um livro sobre o assunto; e isso já me basta. O livro é fisicamente grande, do tipo que para em pé sozinho, o que é uma boa metáfora para dizer que traçará seu próprio caminho, guiado pelos leitores.

Que personagens reais inspiraram personagens de seu livro?

AMG Foram muitos os personagens reais que entraram em *Um defeito de cor*. O livro tem mais de 400 personagens (parei de contar no nono capítulo) e acredito que pelo menos a metade realmente existiu e todos mantiveram os seus nomes reais, como o Chachá, a rainha Agontimé, o escritor Joaquim Manuel de Macedo, os comerciantes de escravos, os representantes governamentais na costa africana. Existem também personagens que “tomei emprestados” do livro *Viva o povo brasileiro*, do João Ubaldo Ribeiro, e do *Memorial do convento*, do José Saramago. Muitos dos participantes da rebelião dos malês também aparecem com os nomes e as funções com que passaram para a história, embora não possamos afirmar se correspondem à realidade.

Como você conseguiu encarnar tão bem a vivência da religiosidade africana e afro-brasileira, além também da católica-romana?

AMG Também através de muita pesquisa e tentando ser imparcial e respeitosa. Todas essas formas de expressão religiosas estão muito mais interligadas do que poderíamos imaginar na formação da religiosidade do povo brasileiro. Para se ter uma idéia, tanto em África quanto na Bahia, o que aqui chamamos de Candomblé adaptou alguns rituais da religião muçulmana. ■

Renato Pompeu é jornalista e escritor, autor de *Canhotoiro, o homem que driblou a glória* (Ediouro, 2003) e *O mundo como obra de arte criada pelo Brasil* (Casa Amarela, no prelo), entre outros.